



HISTÓRIAS DIFÍCEIS NO ENSINO MÉDIO: A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NAS PROTONARRATIVAS DE ESTUDANTES DO INTERIOR DA BAHIA SOBRE ESCRAVIDÃO E MISTIÇAGENS NO BRASIL

Ocerlan Ferreira Santos

Doutorando PPGen, RENOEN/UESB

Resumo:

Este estudo apresenta reflexões e resultados parciais de uma pesquisa exploratória, vinculada a uma tese de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN), no polo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O objetivo é investigar como a consciência histórica dos estudantes do ensino médio se expressa em protonarrativas sobre a escravidão e as mestiçagens no Brasil. A pesquisa situa-se no campo da Educação Histórica e da Didática da História, fundamentando-se, especialmente, nos conceitos de consciência histórica e narrativa histórica, propostos por Jörn Rüsen (2001; 2011), e no conceito de Histórias Difíceis elaborado por Borries (2018). Os dados foram produzidos a partir da metodologia da Aula Histórica (Schmidt, 2020), aplicada em uma turma do 2º ano do ensino médio de uma escola do Município de Maetinga, Bahia, e sistematizados por meio da técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). Os resultados evidenciam insights fundamentais sobre a ideia histórica dos estudantes em sua consciência histórica. Além disso, destacam a importância de integrar os espaços formais e informais de produção de narrativas históricas, por meio de atividades pedagógicas ancoradas na cognição histórica situada na ciência da História e em uma abordagem multiperspectivada. Essa integração é indispensável para promover uma aprendizagem histórica significativa.

Palavras-chave: Histórias difíceis; Consciência histórica; Narrativa histórica; Escravidão e mestiçagens.

Introdução

Este estudo apresenta reflexões e resultados parciais de uma pesquisa exploratória, vinculada a uma tese de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN), no polo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O objetivo é investigar como a consciência histórica dos estudantes do ensino médio se expressa em protonarrativas sobre a escravidão e as mestiçagens no Brasil, com base na tipologia proposta por Jörn Rüsen. A pesquisa busca responder à seguinte pergunta: de que maneira Histórias Difíceis, como a escravidão e as mestiçagens, são expressas na consciência histórica dos estudantes do ensino médio? A pesquisa situa-se no campo da Educação Histórica e da Didática

da História, desenvolvidas em países como Inglaterra, Alemanha, Portugal e Brasil. Fundamenta-se, especialmente, nos conceitos de consciência histórica e narrativa histórica, propostos por Jörn Rüsen (2001; 2011c), e no conceito elaborado por elaborado por Borries (2018), que no campo da Educação Histórica e Didática da História no Brasil costuma-se denominar Histórias Difíceis. Ele encerra acontecimentos históricos inesquecíveis, duradouros que causaram, sobretudo, sentimentos de vergonha e a culpa, além atitude de negação e do luto ao longo do tempo.

Na perspectiva rüseniana, o objeto da Didática da História é o aprendizado histórico (Rüsen, 2001; Cerri, 2011; Saddi, 2014). Partindo do pressuposto de que a História é elaborada e circula socialmente, esse aprendizado ocorre em diversos espaços, como escolas, universidades, cinema, família, grupos religiosos e políticos, internet e mídias sociais. Seu objetivo é o desenvolvimento da consciência histórica, definida como uma capacidade cognitiva universal e antropológica, desenvolvida em situações práticas da vida, que permite aos seres humanos interpretar as relações temporais e orientar suas ações no presente (Rüsen, 2001, 2015; Schmidt, 2020). Assim, a aprendizagem histórica busca compreender e dar sentido às experiências humanas no tempo, além de promover a autocompreensão e a capacidade de se situar nas dimensões temporais.

Nesse contexto, a narrativa histórica, em suas formas oral, escrita, visual e sonora, desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem da História, funcionando tanto como expressão da consciência histórica quanto como instrumento pelo qual a aprendizagem se desenvolve (Rüsen, 2011a, 2011b; Martins, 2014). Nesse sentido, é relevante investigar as ideias históricas presentes nas protonarrativas dos estudantes, pois elas refletem as concepções históricas, seus interesses e suas carências de orientação temporal relacionadas ao seu mundo. Isso permite ao professor-pesquisador intervir por meio de atividades didáticas fundamentadas na própria ciência histórica, a fim de desenvolver a consciência histórica e a capacidade de pensar historicamente deste estudantes.

Não é difícil encontrar estudos sobre a escravidão no Brasil que se utilizam do conceito de Histórias Difíceis (Pereira, 2019; Xavier e Cainelli, 2019; Gevaerd, 2012, 2017), mas é importante também considerar as mestiçagens, que, em diferentes momentos da História do Brasil, foram vistas como uma problemática ou um ponto de interseção de diversas questões. As mestiçagens, tanto biológica quanto cultural no Brasil, são produtos da mundialização promovida pelos reinos ibérica nos séculos XV e XVI, ocorrida em escala planetária, conectando os continentes africano, asiático, europeu e americano (Gruzinski, 2014; Paiva, 2015). Ela, na sua dimensão biológica, promoveu para um processo hierarquização, classificação e diferenciação de pessoas e grupos que

perduraram até o século XIX, contribuindo, dentre outras coisas, para as desigualdades sociais e o racismo ainda presentes na sociedade Brasileira.

Metodologia

A pesquisa, de natureza qualitativa, exploratória e interventiva, foi desenvolvida com uma turma de 22 estudantes do 2º ano do ensino médio técnico integrado de uma escola pública no município de Maetinga, na Bahia. O estudo foi conduzido em conformidade com os princípios éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, contando com a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, conforme o parecer nº 6.727.782. Os participantes da pesquisa utilizaram nomes fictícios por eles escolhidos.

Para a produção dos dados, foi aplicada a metodologia da "Aula História", proposta por Schmidt (2020), mais especificamente o primeiro fator ou momento, cujo objetivo é investigar os conhecimentos prévios, carências e interesses dos estudantes. Essa proposta de aula visa promover a aprendizagem histórica, baseada nos princípios disciplinares da História e da Didática da História de Jörn Rüsen (2001). Assim, a Aula Histórica tem como elemento central a formação de sentido por meio da aprendizagem, propondo-se a reconstruir os processos de produção do conhecimento histórico, conectando ciência e vida prática.

A técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), foi utilizada para a análise e interpretação dos dados produzidos na Aula Histórica. Nesse sentido, as protonarrativas constituíram-se na unidade de registro, enquanto o espaço educacional, a cultura local, o contexto sócio-histórico e os referenciais teóricos da Didática da História e Educação Histórica compuseram a unidade de contexto. Na etapa de categorização utilizou-se as formas ou tipos de consciência histórica propostos por Rüsen (2001, 2011c), a saber: Consciência histórica tradicional (preserva as tradições, com o tempo assumindo um sentido de eternidade); consciência exemplar (que estabelece regras gerais que guiam as ações nas experiências temporais, estabelecendo comparações e especialmente lições do passado ao presente); consciência histórica crítica (na qual as experiências temporais são utilizadas para questionar o modelo estabelecido de interpretação da vida prática); e consciência genética (nela as ações e decisões são guiadas com base na compreensão das dimensões do tempo). Essas formas ideais de consciência histórica são vistas como formas de se compreender a História e de como os sujeitos dão sentido ao passado. Quando exploradas na sala de aula, elas fornecem *insights* sobre como os estudantes se relacionam com as dimensões temporais e como articulam essas dimensões entre si.

Resultados e discussão

A análise das protonarrativas revelou que muitos estudantes enfrentam dificuldades em conectar o passado histórico com a realidade contemporânea, especialmente no que diz respeito aos impactos da escravidão e das mestiçagens na sociedade brasileira. Em outras palavras, há uma dificuldade significativa na articulação entre as dimensões temporais. Muitos estudantes apresentaram concepções tradicionais sobre a escravidão, entendendo-a como um fenômeno distante, superado, e com impacto limitado no Brasil contemporâneo. No entanto, também foram identificadas expressões de consciência histórica crítica e genética em narrativas que reconhecem a permanência de desigualdades sociais, racismo e formas contemporâneas de exploração do trabalho, conectando esses problemas o passado escravista brasileiro. No que se refere a abolição, alguns reconheceram que ela não foi um "fim", mas parte de um processo histórico contínuo, cujas implicações ainda moldam o Brasil contemporâneo. Estudante como Aisha e Isaura demonstraram uma conexão emocional acentuada com o passado, expressando sentimentos de tristeza, indignação e revolta ao compreender que práticas semelhantes à escravidão ainda existem, e em localidades muito próximas. Essa conexão emocional com o passado indicia que, para muitos estudantes, a escravidão é emocionalmente relevante, provocando um forte impacto moral. No entanto, essa conexão, por vezes, não resulta em uma análise mais crítica e/ou processual da História.

Quanto às narrativas sobre as mestiçagens, os estudantes evidenciaram apenas o aspecto biológico, associando-o a ideias da perspectiva racialista predominante nos séculos XIX e XX. Termos como “mulato” e “pardo” foram entendidos com significados pejorativos ou errôneos. Além disso, a escravidão indígena foi amplamente ignorada, evidenciando lacunas e carências de experiências sobre as temáticas. Dandan, por exemplo, apresentou uma visão superficial da mestiçagem cultural, afirmando haver uma “grande diversidade de culturas no Brasil”, mas não explorou as implicações mais complexas desse processo, como a formas esse tipo de mestiçagem contribuiu para moldar as identidades.

Embora tenha predominado a consciência tradicional e a crítica, observou-se uma mescla de elementos de diferentes tipos de consciência histórica, corroborando a ideia de que essas formas dificilmente se manifestam de maneira pura (Rüsen, 2001; Cerri, 2011). Notou-se que, ao longo das atividades, os estudante apresentaram formas diferentes de consciência histórica, expressas em suas narrativas, variando de acordo com a questão e a temática específica.

Alguns estudantes reconheceram a importância do ensino formal de História para desenvolver sua compreensão sobre a escravidão e as mestiçagens. Dandan, por exemplo, destacou ser importante para "conhecer sobre o passado do nosso país" e Jujuba ressaltou a importância de *“saber a história do nosso povo a história do nosso país, saber o poque existe lei hoje contra a escravidão”*. A

despeito do tipo de consciência que estas repostas expressam, elas demonstram que a escola desempenha um papel central na formação da consciência histórica dos estudantes, embora essa formação, muitas vezes, se limite à reprodução de informações. A aprendizagem histórica pode ser significativa quando promove a reflexão crítica sobre o passado e suas implicações no presente, tendo como base a ciência histórica.

Conclusões

Ao analisar as ideias históricas presentes nas narrativas dos estudantes, evidencia-se uma variedade de formas de compreensão histórica e de relações com o passado, com implicações diferenciadas para o presente e o futuro. Os resultados indicam que a consciência histórica dos estudantes pode ser desenvolvida por meio de atividades que conectem a História ao contexto atual e às experiências pessoais dos estudantes, promovendo uma aprendizagem histórica mais significativa.

O estudo também ofereceu insights valiosos sobre como os estudantes do ensino médio em Maetinga, Bahia, interagem com a História fora dos ambientes formais de ensino e como isso influencia suas narrativas sobre a escravidão e as mestiçagens. A expressiva combinação de consciência tradicional e exemplar, usando o passado tanto como uma comparação direta com o presente quanto como um exemplo moral, revelou que, embora os estudantes reconheçam a importância do passado para entender o presente, ainda há uma tendência a vê-lo de forma fixa ou descritiva, sem uma análise mais expressiva das continuidades ou transformações.

Por fim, a pesquisa também apontou que a integração entre os espaços informais e formais de produção de narrativas históricas, fundada na cognição histórica situada na própria ciência da História e numa abordagem multiperspectivada, é fundamental para aprendizagem histórica significativa dos estudantes, ou seja, uma História que faça sentido para suas vidas práticas. Abordagens multiperspectivadas contribuí para um engajamento mais efetivo e para o desenvolvimento de competências narrativas, que, segundo Rösen (2011), incluem experiência, interpretação e orientação. Além disso, temas como resistências e diversidade cultural devem ser introduzidos às aulas de História para enriquecer a compreensão das mestiçagens e da escravidão como processos históricos dinâmicos.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CERRI, Luiz Fernando. **Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011

GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini. Conceito substantivo escravidão africana no Brasil: uso e apropriações das narrativas do manual didático pelos alunos e professora. In: **Anttese**, v. 5, n. 10, p. 589-611, jul./dez. 2012

GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini. Conflito de escravos e ex-escravos durante o período da escravidão africana no Brasil: o que diz (e o que não diz) a narrativa do manual didático de História. In: RIBEIRO, Cláudia Pinto *et al.* (coord.). **Epistemologias e Ensino da História** (XVI Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica). Edição: CITCEM, p. 885-906, Porto, 2017.

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo: História de uma mundialização**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. Fazer História, Escrever História, ensinar História. In: SCHMIDT, M.A; BARCA, I; URBAN, A. C. (Org). **Passados possíveis: Educação Histórica em debate**. Ed. Unijuí, 2014. p. 21-39.

PAIVA, Eduardo França. *Dar nome ao novo: uma História lexical das Américas portuguesa e espanhola, entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagem e o mundo do trabalho)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PEREIRA, Juliano da Silva. Alguns apontamentos sobre o uso do RPG e empatia histórica no ensino fundamental. In: BECKER, Geraldo [et al.] (Org.). **Temas sociais controversos e os desafios da Educação Histórica**. Curitiba: W.A Editores. 2019.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado Histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; GARCIA, Tânia Braga. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011a, p. 41-49.

RÜSEN, Jörn. Formando a consciência histórica: para uma didática humanista da História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos, et al. (Org.) **Humanismo e Didática da História: Jörn Rüsen**. W. A. Editores: Curitiba, 2015, p. 19 – 42.

RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011c, p. 93-108.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: UFPR, 2011b. p. 51-77.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da História, os fundamentos da ciência História**. Brasília: Editora UnB, 2001.

SADDI, Rafael. Didática na História a Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da *Neu Geschichtsdidaktik na* Alemanha e os desafios da nova Didática da História no Brasil. In: **OPIS**, Catalão-GO, v. 14, n. 2, p. 133-147 - jul./dez. 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Didática Reconstitutivista da História**. Curitiba: CRV, 2020.

VON BORRIES, Bodo. Lidando com Histórias difíceis: tipos de reconciliação com danos e culpas históricas. In. VON BORRIES, B. **Jovens e Consciência Histórica**. Curitiba: W & A Editores, 2016, pp.33-54.

XAVIER, Erica da Silva e CAINELLI, Marlene. Cultura histórica e aprendizado histórico: premissas sobre as perspectivas historiográficas presentes nos livros didáticos de História em

relação à escravização africana no Brasil. In: BECKER, Geraldo [et al.] (Org.). **Temas sociais controversos e os desafios da Educação Histórica**. Curitiba: W.A Editores. 2019.